

Preocupado com a estagnação, BCE reduz juros

Ação confirma tendência das autoridades monetárias dos países ricos em tomar medidas para evitar que economias mergulhem em nova recessão

Jamíl Chade
CORRESPONDENTE | GENEVRA

Num esforço desesperado para tirar a economia da Europa da estagnação, o Banco Central Europeu (BCE) reduziu a taxa de juros em 0,25 ponto percentual para 0,5% - nível mais baixo da história - e se diz "disposto" a tomar novas medidas se necessário. A ação confirma a tendência de autoridades monetárias dos países ricos de voltar a tomar iniciativas extraordinárias para impedir que as economias sejam uma vez mais engolidas pela recessão.

Mas nem todos concordam. A Alemanha e outros países do norte da União Europeia (UE) não veem sentido na redução dos juros e não querem a distribuição de dinheiro na economia, obrigando o BCE a limitar suas ações. A oposição

frustrou parte do mercado e de governos do sul da Europa, que pediam medidas para ajudar pequenas e médias empresas europeias, que apresentaram números recorde de falências. Dados divulgados ontem confirmam a contração da indústria europeia em abril.

O presidente do BCE, Mario Draghi, insistiu que está "pronto para agir" se for necessário. Seus críticos, porém, questionam quais sinais ele ainda estaria aguardando para sair em socorro do setor produtivo. A economia do continente está paralisada, e o desemprego é recorde e a emigração de milhares de trabalhadores já é uma realidade.

Autoridades europeias estão sendo pressionadas a rever suas estratégias para lidar com a crise que já está no quinto ano. A redução da taxa de juros faz parte dessa revisão e reconhecimento da estagnação. A iniciativa faz lembrar as ações tomadas pelo BCs, em 2008 e 2009, quando as autoridades monetárias assumiram as rédeas da crise e tomaram medidas para relançar as economias.

Agora, o BC do Japão já deu sinais de que voltará a injetar liquidez e tomar medidas para tentar recuperar o crescimento, mesmo caminho apontado nos Estados Unidos. Ontem, foi a vez dos europeus, ainda



Dr. Draghi dá a uma jovem nova nota de €5 e garante política expansionista do BCE

de forma tímida. O presidente do BCE aproveitou uma queda da inflação abaixo do ponto da meta para fazer a manobra.

Divergências. Ao contrário de Japão e EUA, o problema na UE é a falta de consenso sobre qual deve ser o caminho. Por conta de divergências internas, o BCE teve se limitar a cortar os juros,

sem adotar medidas que estavam sendo pedidas pelo setor privado e por governos do sul da Europa, entre elas crédito para o setor privado. "Não se pode jogar dinheiro de um helicóptero", alegou Draghi. A principal resistência vem da Alemanha, que ontem não deixou de criticar a redução dos juros. A chanceler alemã, Angela Merkel, continua a defender reformas e che-

gou até mesmo a criticar a possibilidade de o BCE reduzir os juros. Segundo ela, se o banco avulsasse a situação na Alemanha, teria de elevar as taxas. Bancos alemães também criticaram a medida, alertando que ela não teria impacto real nos países do sul e ainda criaria uma bolha financeira no mercado alemão.

Enquanto Draghi fazia seu anúncio, novos dados aponta-

PRESTE ATENÇÃO

1. Mudança de rumo. O maior problema enfrentado pelas economias europeias é retomar o crescimento da economia. Nos últimos anos, os programas de austeridade além de não alcançarem seus objetivos, o de equilibrar as divisas dos governos, sufocaram a retomada do crescimento.

2. Ações tímidas. O BCE, para alguns, demorou a reduzir os juros e pela oposição, principalmente, da Alemanha, não adotou ações mais agressivas. Isso tem sido feito pelo banco central americano (Fed) e, mais recentemente, medidas para aumentar a liquidez do mercado foram anunciadas pelo BC do Japão.

vam que a atividade industrial na zona do euro sofreu contração em abril. Incluindo na Alemanha onde a queda já dura dois meses. Berlim representa 20% da atividade industrial da região. Os dados ainda apontam para uma importante contração na França, Itália e Espanha, respectivamente segunda, terceira e quarta economias do bloco.

● Cautela

"O Banco Central Europeu está preparado para agir se for necessário."

"Não se pode jogar dinheiro de um helicóptero."

Mario Draghi
PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL EUROPEU

Para economista grego, decisão é correta, mas insuficiente

Vinícius Nader | RIO

O corte de 0,25 ponto percentual nos juros da zona do euro, feita ontem pelo Banco Central Europeu (BCE), é uma decisão

correta, mas insuficiente. Especialmente nos países da periferia da Europa, onde a falta de liquidez de crédito, que atinge sobretudo pequenas empresas, joga para o alto as taxas na pon-

ta, avalia o economista grego Loukas Tsoukalis, presidente da Fundação Helênica para Política Externa e Europeia e professor da Universidade de Atenas, em entrevista ao Estado.

Na avaliação de Tsoukalis, com a falta de liquidez de crédito, os juros para o cliente final estão em alta independentemente da ação do BCE. O pro-

blema é mais grave em países como Grécia, Portugal, Espanha e Itália. "A crise fragmentou o mercado europeu e há uma percepção de risco (mais elevada) nesses países. As pequenas empresas, quando conseguem achar dinheiro para tomar emprestado, o fazem com taxas muito mais altas do que na Alemanha ou na Áustria.

Não por causa da situação particular da empresa, mas simplesmente porque têm bandeira italiana ou espanhola", completa Tsoukalis, que participará, na próxima semana, da 2.ª Conferência Dia da Europa, promovida pelo Centro de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), no Rio. Para o economista, medidas

específicas para atacar essa restrição de crédito ao setor privado seriam necessárias. No quadro geral, é preciso mais medidas para "restaurar a confiança de que o euro está aí para ficar" e reestruturar e recapitalizar o sistema bancário europeu de forma mais rápida.

MUDE COM AS MELHORES TAXAS E SÓ COMECE A PAGAR EM JANEIRO DE 2014

DE 3 A 5 DE MAIO A PARTIR DAS 10H

CENTRO DE EXPOSIÇÕES IMIGRANTES

- FINANCIE SUA CASA COM A CAIXA NOS MESES DE MAIO E JUNHO E SÓ COMECE A PAGAR EM JANEIRO DE 2014*
- IMÓVEIS NOVOS, USADOS OU NA PLANTA
- ATÉ 30 ANOS PARA PAGAR
- FINANCIAMENTO DE ATÉ 100% DO IMÓVEL NOVO**
- AS MELHORES TAXAS DO MERCADO
- USE SUA RENDA FAMILIAR
- USE SEU FGTS***
- PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA

* Combinação opcional para contratos assinados até 30 de junho de 2013. Pagamento do primeiro parcela até janeiro de 2014.
** Disponível nos financiamentos com recursos do FGTS. Verifique as condições no site.
*** De acordo com as regras de utilização definidas pelo Conselho Curador do FGTS.
A CAIXA não se responsabiliza pelo conteúdo do material publicitário de terceiros.

SAC CAIXA: 0800 726 0101
(informações, reclamações, sugestões e elogios)
Para pessoas com deficiência auditiva ou de fala: 0800 726 2492
Ouvidoria: 0800 726 7474
(denúncias e reclamações não solucionadas)

caixa.gov.br

CAIXA GOVERNO FEDERAL
A vida pede mais que um banco. PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA